

Dr. Rui Duarte

O Dr. Rui Duarte é Especialista de Medicina Interna, com o grau hospitalar de Consultor de Diabetologia. Na Sociedade Portuguesa de Diabetologia foi Secretário-Geral, entre 2002 e 2008, Vice-Presidente, entre 2011 e 2017, e Presidente, entre 2017-2020. Foi fundador e coordenador da Revista Portuguesa de Diabetes entre 2006 e 2017. Actualmente, é Diabetologista Sénior e Consultor de Diabetologia na APDP (Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal) onde foi também Responsável pelo Departamento de Ensaios Clínicos e Vogal da Comissão de Ética. Foi, recentemente, distinguido com o Prémio Carreira SPD no 18º Congresso Português de Diabetes, que decorreu em Vilamoura, entre 10 a 12 de Março de 2022.

Entrevista conduzida por Dr. Carlos Pina e Brito

RPD – Pode fazer-nos um resumo do seu percurso na Medicina e na Diabetologia, em particular?

Dr. Rui Duarte – O meu percurso na Medicina começou como aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1972. Pertenci àqueles cursos que “apanharam” a revolução de 25 de Abril pelo meio, tiveram mais de mil alunos e formaram os muitos médicos que estão agora a atingir a idade da reforma, o que vai, provavelmente, ter repercussões negativas no SNS nos próximos anos. Concluído o curso (em 1978) e o internato geral, optei pela especialidade de Medicina Interna, porque realmente era a especialidade que mais me interessava. Escolhi de imediato a equipa do Prof. Pedro Eurico Lisboa, com a qual já tinha tido contacto durante o curso, numa turma de Medicina, orientada por dois dos seus membros, o Dr. Jorge Caldeira e a Dra. Odete André, altura em que conheci também a que viria a ser minha mulher até hoje. De facto, o início da minha carreira profissional teve muito a ver com a minha vida pessoal e familiar e o Dr. Jorge Caldeira acabou por ser meu “padrinho” na Medicina Interna e na Diabetologia e também, de certa maneira, da minha vida familiar. No meu internato de Medicina Interna, gostei muito de trabalhar com um internista de eleição, como o Dr. Jorge Caldeira, que nessa altura já se dedicava à Diabetologia, integrado na equipa do Prof. Pedro Eurico Lisboa no Hospital de Santa Maria. A Clínica de Diabetes e Nutrição estava integrada no Serviço de Medicina 4 (Diretor: Prof. Fernando de Pádua), e era dirigida pelo Prof. Pedro Eurico Lisboa que tinha sido um dos discípulos do doutor Ernesto Roma, fundador da Diabetologia nacional, e também da APDP (Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal). Foi a partir daí, logo desde o início do meu internato de Medicina Interna que fiz, em simultâneo, o meu início na Diabetologia, integrado numa equipa de uma pessoa extraordinária com um carisma muito próprio, como era o Prof. Pedro Lisboa, que conseguiu formar

uma equipa coesa e com o qual muito aprendi. Concluí o meu internato de especialidade de Medicina Interna em 1987 e, depois, entrei para o quadro do Hospital de Santa Maria, como assistente hospitalar de Diabetologia, isto porque o Hospital de Santa Maria tinha um quadro próprio de Diabetologia. Mais tarde, em 1991, obtive o grau de consultor hospitalar em Diabetologia. Até ter saído do Hospital de Santa Maria, e da função pública, em 2002, fui sempre, em *full time* e em simultâneo, Internista e Diabetologista. A partir de 2002 comecei a trabalhar em exclusividade como Diabetologista, na APDP, onde me mantive até hoje.

RPD – Como é que surgiu a decisão de sair do Hospital de Santa Maria para integrar os quadros da APDP?

Dr. Rui Duarte – No ano de 2002 eu já era, digamos assim, um sénior, mas o Hospital de Santa Maria, e nomeadamente a Medicina Interna, estava a passar uma fase muito difícil, sobretudo com uma grande saturação na urgência hospitalar, que se manteve até hoje, e até no próprio trabalho de enfermagem, devido a uma grande escassez de médicos mais jovens a trabalhar connosco. Havia uma certa saturação da minha parte, diria que sentia que era um sénior a fazer trabalho de júnior.

Na altura surgiu a oportunidade de integrar em exclusividade o quadro da APDP, onde já era clínico colaborador desde 1997, e me deram condições para me dedicar integralmente à Diabetologia, em *full time*, não só na sua vertente clínica, mas também, na componente de formação pós-graduada, na investigação e coordenação do Departamento de Ensaios Clínicos que são vertentes fundamentais da Associação.

Era também uma altura em que a APDP se estava a renovar, quer aumentando as suas estruturas imóveis, o seu espaço físico, mas também as suas atividades. Dada a minha experiência na Diabetologia, que já era alguma, foi uma boa

oportunidade para vir dar a minha contribuição para ajudar a APDP a prestar a melhor assistência possível às pessoas com diabetes, como é seu desiderato.

RPD – Passemos agora às suas actividades na Sociedade Portuguesa de Diabetologia (SPD), incluindo a fundação de uma revista científica oficial desta, a Revista Portuguesa de Diabetes (RPD), em 2006?

Dr. Rui Duarte – A SPD é uma sociedade já com mais de três décadas de existência e a Clínica de Diabetes e Nutrição de Santa Maria, liderada pelo Prof. Pedro Eurico Lisboa, foi um dos seus núcleos fundadores. Mais tarde, em 2002, integrei pela primeira vez a Direcção da Sociedade como Secretário-Geral, sendo Presidente a Prof. Manuela Carvalheiro, e depois continuei como Secretário-Geral, na Direcção seguinte, presidida pelo Dr. Luís Gardete Correia. A ideia de criar uma revista científica da Sociedade surgiu nessa altura, em 2006. Partiu de mim e do Dr. José Manuel Boavida que nessa época, era também bastante ativo na Sociedade, pode dizer-se que foi mais ou menos dos dois que surgiu a ideia da revista.

Contámos também, na parte operacional, com a ajuda da sua empresa dedicada à edição médico-científica e o seu empenhamento, entusiasmo e apoio pessoais, que se têm mantido até hoje. Os projectos editoriais médico-científicos exigem muita dedicação, empenho e voluntarismo para sobreviverem para lá do curto e mesmo do médio prazo. Felizmente, a RPD já vai no 16º ano de publicação e espero que continue...

RPD – Mais recentemente, de 2017 a 2020, foi Presidente da SPD. Que objectivos fundamentais nortearam o seu mandato?

Dr. Rui Duarte – O meu mandato como Presidente (de 2017 a 2020) surgiu numa sequência natural, dada a minha experiência anterior na Direcção da SPD, onde já tinha feito dois mandatos como Secretário-Geral (de 2002 a 2008) e dois como Vice-Presidente (de 2011 a 2017) do saudoso Professor Medina. No fundo, com exceção deste último ano de 2021, até 2020 estive quinze anos ligado à Direcção da SPD, apenas com um interregno de três anos. No total, estive uma década e meia a dar à SPD muito do meu tempo, e à RPD que coordenei, em permanência entre 2006 e 2017. Os vários cargos que tive na SPD antes de ser eleito Presidente, e também a participação nas suas actividades, incluindo na organização de diversos congressos, fizeram com que já a conhecesse por dentro bastante bem. Portanto, repito, foi uma sequência natural que levou a que fosse eleito Presidente.



O meu mandato como Presidente teve como objectivos fundamentais modernizar e profissionalizar a parte administrativa, melhorar a comunicação com os sócios, rever e atualizar os estatutos e dar continuidade às actividades que a Sociedade já vinha a executar – a realização de Congressos, a estimulação dos grupos de estudos, que são muitos, alguns mais ativos que outros, mas sempre muito apoiados pela Sociedade, a estimulação da criação e manutenção das Bolsas e Prémios, no âmbito de apoio à investigação clínica e biomédica na área da diabetes, a integração crescente na SPD dos investigadores da área biomédica e de todos os profissionais de Saúde não médicos que trabalham na área da diabetes (enfermeiros, nutricionistas, etc..). A Direcção a que presidi foi pioneira no sentido de integrar, pela primeira vez nos corpos directivos, em lugar de relevo, como Vice-Presidente, um representante da Medicina Geral de Família, e também, pela primeira vez, nos corpos directivos, uma investigadora.

RPD – Uma das características mais importantes da SPD é essa abertura a todos os profissionais de Saúde e investigadores que trabalham na área da diabetes...

Dr. Rui Duarte – Sim, essa pluridisciplinaridade, que no fundo tem a ver com a própria diabetes, é talvez a característica mais interessante que nos diferencia da maioria das outras Sociedades Científicas. A educação e o *empowerment* das pessoas com diabetes está longe de caber nas mãos dos médicos, ainda por cima numa doença que atinge pelo menos 10% da população. Mesmo no contexto médico, não pode haver uma especialidade única a tratar esta doença, que tem múltiplas vertentes assistenciais, relativamente às complicações que podem surgir.

RPD – Podemos então dizer que a diabetes foi a pioneira da Medicina Centrada no Doente, de que se fala tanto actualmente?

Dr. Rui Duarte – Sem dúvida! Costumo dizer que a descoberta da insulina corresponde ao primeiro sinal do *empowerment* da pessoa doente. Estamos a falar de 1920, quando surge uma terapêutica injectável para a diabetes, na altura administrada várias vezes por dia para ser eficaz, que têm de ser o doente e a sua família a manejar. Isso foi uma coisa absolutamente pioneira e, portanto, a partir daí, a insulinoterapia representa realmente o primeiro passo da centralidade no doente na gestão da sua doença. Há muito que se sabe que se deve tratar a pessoa e não doença, senão em vez da clínica na medicina tudo seria reduzido a algoritmos, mas na diabetes isso já é uma realidade concreta há mais de 100 anos (a insulina já fez 100 anos em 2021). Daí os profissionais de Saúde que trabalham na área da diabetes terem muito enraizado o conceito de trabalho em equipa, da educação da pessoa com diabetes para o seu autocuidado, para a gestão da sua terapêutica e da sua autovigilância. Em conclusão, pode dizer-se que a diabetes é a “mãe” do *empowerment* do doente.

RPD – Quando olha agora para trás, o que é que considera ser o seu legado profissional?

Dr. Rui Duarte – Houve uma evolução enorme da área da diabetes nas quatro décadas da minha prática clínica, sempre ligado às pessoas com diabetes, de todas as idades, crianças, adultos e idosos. A enorme evolução a que nós assistimos ao longo destas quatro últimas décadas, quer na melhoria da qualidade de vida, quer na melhoria das terapêuticas, quer no conseguir uma maior longevidade numa doença crónica, que, por vezes, pode ainda ser extremamente incapacitante e debilitante para algumas pessoas e

para as sua famílias, foi um processo de que fiz parte e que foi muito gratificante para mim. Considero que o meu principal legado profissional é ter acompanhado e ajudado, durante quatro décadas, muitas centenas de pessoas com diabetes, algumas desde crianças, e as suas famílias a terem uma vida normal.

Depois penso também ter deixado algum legado na Diabetologia Nacional em termos da SPD, da investigação clínica e da formação, de onde destaco a coordenação e autoria do livro “Diabetologia Clínica”, publicado no início deste século. Foi um projecto que me ocupou vários anos, onde participaram todos os colegas da Clínica de Diabetes do Hospital de Santa Maria, e outros, e penso que ainda é o único livro do género em língua portuguesa, escrito por portugueses e com muita abrangência de temáticas.

Fui sócio fundador e seu primeiro coordenador do Núcleo de Estudos de Diabetes *Mellitus* (NEDM) da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna (SPMI); Fiz parte do Grupo de Trabalho que criou na DGS o primeiro Programa Nacional para a Diabetes; fui coordenador de diversas Recomendações terapêuticas nacionais para o tratamento da diabetes; sou ainda membro do Conselho Científico do Observatório Nacional da Diabetes.

A fundação, em 2006, e direcção, de 2006 a 2017, da RPD também faz parte do meu legado, bem como todas as actividades de formação pós-graduada e de advocacia em nome da prevenção da Diabetes e das pessoas com diabetes em que participei.

Nesse contexto, este Prémio Carreira que recebi agora, no último congresso da SPD, foi muito gratificante para mim porque significa o culminar de toda essa actividade de 4 décadas.

RPD – Pode falar-nos um pouco da sua vida pessoal e dos seus hobbies?

Dr. Rui Duarte – Em paralelo com a minha vida profissional nunca descurei a minha vida familiar. Graças a Deus, nunca fui um “*workaholic*”! Felizmente, ainda antes dos 50 anos pude deixar de fazer Serviços de Urgência, que são sempre muito desgastantes, e no caso dos internistas ainda mais, pelo enorme esforço que exige e o *stress* que causa. Os internistas são uma classe extraordinária pelo enorme trabalho que fazem nos hospitais, nem sempre reconhecido pelas administrações hospitalares e pela tutela. Felizmente, consegui sempre acompanhar a minha família, são quatro filhos e já seis netos. Os meus *hobbies* sempre foram a música, principalmente, e também a literatura e o cinema. Na música sobretudo o *jazz*, de que sou um ouvinte compulsivo. Gosto também muito de desporto e no futebol do Benfica, mas não vou aos estádios assistir a jogos.